

RESQUÍCIOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES FAMILIARES PRESENTES NA OBRA *DOIS IRMÃOS* (MILTON HATOUM)

Mariana Pessoa (UTFPR)¹

Marcos Hidemi de Lima (UTFPR)²

RESUMO

Neste artigo propomos efetuar uma análise literária com a intenção de verificar os resquícios patriarcais presentes nas relações familiares do romance *Dois Irmãos* (2000) do escritor brasileiro Milton Hatoum. Para tal finalidade, utilizamos o método qualitativo, que abrange uma gama de significações de cunho social, ideológico e bibliográfico. Nessa análise, levamos em consideração o conceito de Linda Hutcheon em *Poética do Pós-modernismo* (1991), sobre o espectro do passado na literatura, realçando os vínculos ideológicos e sociais deixados como herança de um passado sexista e misógino, que ainda reflete nas relações sociais, reverberando também na família. Dentro desta lógica familista, é possível identificarmos diversos traços da sociedade (semi)patriarcal brasileira, conforme descritos por Gilberto Freyre em *Sobrados e mucambos* (2013), que ainda permanecem na sociedade contemporânea. Tais marcas podem ser observadas nas figurações familiares do romance *Dois Irmãos*, assim como os diferentes tratamentos atribuídos a cada membro de acordo com o gênero, estando a mulher em frequente desvantagem em relação ao homem. Essa estrutura social homem/mulher é verificada por Mary Del Priore em *Histórias e conversas de mulher* (2013), que mapeia as relações sociais, familiares e o papel feminino na sociedade brasileira. Por uma perspectiva sociológica, a atuação feminina em nossa sociedade também é estudada por Rocha-Coutinho em *Tecendo por trás dos panos* (1994) atentando à influência que a mulher exerceu na esfera privada do lar, possibilitando-nos aplicar tais discussões neste romance. Essas questões destacadas aliam-se à revolução sentimental que permeou o casamento, especialmente em meados do século XX, trazendo conceitos de amor e liberdade para a escolha dos parceiros, caminhando paralelamente para o advento da família moderna, discutido por Elisabeth Roudinesco em *A família em desordem* (2003) onde ela articula sobre as mudanças da configuração familiar ao longo dos anos, sendo importante aqui especialmente o conceito da família moderna, que se desenvolve e muda durante o processo de industrialização brasileira (plano de fundo da narrativa em questão). No âmbito do romance de Hatoum, as reflexões dos autores elencados evidenciam que Zana a mãe, adquire o status de ‘rainha do lar’, exercendo grande influência nos membros da família, ao mesmo tempo em que Halim, o pai, perde o prestígio, tendo sua autoridade sob o lar reduzida. Dessa forma, por meio de *Dois irmãos*, observa-se uma composição familiar moderna, que alterna entre comportamentos de marcas ainda patriarcais (considerados em tese ultrapassados) e contemporâneos - tidos como mais democráticos na distribuição de papéis sociais entre homens e mulheres -, refletindo a própria sociedade brasileira atual.

Palavras-chaves: Análise literária. Família moderna. Resquícios patriarcais. *Dois Irmãos*.

¹ Mestranda (2021) do Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa Literatura, Sociedade e Interartes pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná campus Pato Branco. Orientanda do professor Marcos Hidemi de Lima, também coautor desse trabalho.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná campus Pato Branco.

INTRODUÇÃO

Milton Hatoum (1952) é um escritor brasileiro nascido em Manaus, Amazonas, e descendente de imigrantes libaneses. Diversas de suas obras já foram premiadas nacionalmente, inclusive a obra *Dois Irmãos* (2000), seu segundo livro que recebeu o Prêmio Jabuti, assim como sua obra de estreia *Relatos de um certo Oriente* (1989).

A narrativa de *Dois Irmãos* é ambientada em Manaus no século XX, entre 1908 e aproximadamente 1970, e podemos acompanhar a constituição de uma família aburguesada, de descendência libanesa, bem como seu desmantelamento no decorrer do romance. Em evidência estão os dramas e as tragédias vivenciadas pelos personagens numa família que vive sob administração da mãe - alicerce que procura evitar a desintegração familiar que a narrativa vai se encaminhar. Também são observados acontecimentos como a empreitada feminina no mercado de trabalho, a falência do pai na representação do *pater familias* (ROCHA-COUTINHO, 1994), a ascensão da família nos moldes modernos, alimentada pelo aceleramento industrial do pós-guerra, e também a revolução sentimental, que mediou (com certos limites) os casamentos na primeira metade do século XX, deixando a conquista e o romance fazerem parte do pacto matrimonial, que não eram considerados na família patriarcal de outrora.

O período histórico que contextualiza a obra, apesar de percorrer quase um século, tem seu auge narrativo por volta dos anos 1930 a 1970, nesse momento o Brasil está em acelerado processo de industrialização influenciado pelas políticas e tendências capitalistas do pós-guerra, implementadas nos governos de Getúlio Vargas (1930-1945), Juscelino Kubitschek (1956- 1961), e também durante o período da ditadura civil-militar (1964- 1985). Essas mudanças evidenciam diversas problemáticas sociais que são presentes na obra de Hatoum, como o constante flerte com o passado escravista e patriarcal que deixou heranças culturais no imaginário coletivo, e ao mesmo tempo em que almeja o futuro, industrial, tecnológico e culturalmente diverso.

Essa oscilação entre passado e futuro é constante na narrativa de *Dois Irmãos*, a tradição e o progresso reverberam fortemente nas relações sociais, especialmente na família, sobre o qual o foco narrativo se detém. A mãe, Zana, apesar de ser a administradora do lar e a grande influenciadora nas decisões tomadas, também mantém um exercício de domínio patriarcal em relação aos filhos, marido e empregados, pondo-se como porta-voz dos costumes sustentados pela sociedade semi-patriarcal escravista brasileira apontada por Freyre (2013).

A família moderna (ROCHA-COUTINHO, 2003) sucede a família tradicional patriarcal, alinhando-se aos requerimentos da industrialização. A mãe administra o lar, constituído nuclearmente (mãe, pai, filhos), encarregada também da educação dos filhos, juntamente com o Estado, ao passo que o pai torna-se representante do empreendimento industrial, provê o sustento do lar e passa a ser ausente, e os filhos, nessa estrutura, submetem-se as ordens dos pais. Mesmo que modernizada, porém, a figuração familiar ainda mantém fortes relações com a hierarquia e costumes deixados pelo patriarcado.

Na narrativa podemos perceber que essa oscilação de costumes e valores é amplamente explorada, e dela partem algumas divergências entre os personagens, principalmente entre Zana, que sustenta a tradição vinculada ao passado, mesmo que com oscilações, e Rânia, a filha mais nova, que assume posturas típicas da mulher do século XX, que adentra no mercado de trabalho, e, pela ascensão do feminismo e da informatização, rompe com expectativas como, por exemplo, o casamento, destino esperado para toda mulher burguesa. Mas, apesar dessas atitudes que questionam a lógica semipatriarcal, Rânia é uma identidade em formação que não rompe completamente com o passado.

A SOCIEDADE BRASILEIRA DO SÉCULO XX

Em meados do século XX, houve, mais acentuadamente, um afastamento de categorias organizacionais universais, como noções fixas de família, gênero, raça, cultura e tradição. Essas categorias começam a ser deliberadamente confrontadas, e as narrativas contemporâneas trazem às obras problemáticas relacionadas ao pertencimento, questionamento e enfrentamentos de estruturas sociopolíticas em decadência, como o patriarcalismo, evidenciando o momento transitório em que diversas culturas e histórias se perpassam e convivem, mesmo em oposição. Nesse sentido o contemporâneo³ não se apresenta necessariamente como: “aquela [obra] que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente” (SCHOLLAMMER, 2009, p. 10).

Linda Hutcheon (1991) traça algumas características da produção ficcional pós-modernista, entre elas a constante presença do passado, não de maneira saudosista, mas sim revisionária e engajada politicamente, lançando luz sob o tear histórico que rege(u) as relações sociais e culturais, determinando papéis específicos aos indivíduos determinados por gênero, etnia, classe social, entre outros. Assim. “o pós-modernismo volta a confrontar a natureza problemática do passado como objeto de conhecimento para nós no presente” (HUTCHEON, 1991, p. 126), assinalando para a necessidade de uma retomada crítica.

A historiadora Emília Viotti da Costa (1999) esmiúça as relações sociais do Brasil, e embora trate especialmente do século XIX, suas considerações também são aplicadas ao contexto social da obra *Dois Irmãos*, considerando que os projetos de industrialização e urbanização, até pelo menos o início do século XX, se limitaram, principalmente, às cidades litorâneas, onde a chegada de produtos exportados, assim como mão de obra, era facilitada pelo acesso ao mar pelos portos. Dessa forma, Manaus, no interior do país, situado no Norte incorporada à Amazônia, é desenhada na narrativa como uma cidade que está começando a desenvolver-se em decorrência da presença do porto de Manaus, por onde a promessa do progresso via sua porta de entrada. De acordo com Costa:

As transformações ocorridas na segunda metade do século XIX – desenvolvimento de ferrovias, imigração, abolição da escravatura, crescimento relativo do mercado interno e incipiente industrialização – não foram de molde a alterar profundamente os padrões tradicionais de urbanização que se definiram no período colonial (1999, p. 233).

Com o processo de industrialização e desenvolvimento econômico, proliferam-se também novas ideologias e projetos culturais, que se distanciavam da ordem patriarcalista em que o Brasil esteve submerso por mais de três séculos. Com isso, estas novas ideologias permearam a tradição patriarcal, sem a destituir completamente de poder e influência social, evidenciando o caráter pós-modernista de que as ficções apresentam mundos opostos convivendo diariamente. Assim, nota-se que o patriarcado trajou uma nova roupagem, adequando-se a industrialização e mantendo sua hegemonia nas relações.

Especialmente os avanços nas concepções familiares, na primeira metade do século XX, foram atreladas à revolução sentimental (DEL PRIORE, 2013), não abandonando completamente valores patriarcais, mas concedendo à mulher certa liberdade para escolher seus parceiros, além de

³ Aqui utilizamos as palavras *contemporâneo* e *pós-modernismo* com o mesmo sentido. Hutcheon (1991) traça algumas diferenças terminológicas, ao mesmo tempo que Schollammer (2009) aproxima o contemporâneo a discussão proposta pela autora.

uma certa autonomia, ainda que semirreclusa ao lar, mas que, mesmo assim, permitiu a ela expandir seu círculo de influência. Conforme salienta Maria Lúcia Rocha-Coutinho, Era “[no] espaço privado, onde ela reinava quase absoluta” (1994, p. 23). Vale salientar que esta pequena liberdade lhe atribuída pautava-se na gestão econômica patriarcal, uma vez que “as mulheres deveriam ter poder de decisão e controle apenas naquelas áreas em que os homens haviam renunciado” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.103). Geralmente esses espaços limitavam-se a organização da casa, educação dos filhos e interações sociais proporcionadas por festejos. De qualquer modo, estas atividades em que permitiram às mulheres traços de autonomia foram importantes para que elas pudessem expandir suas estratégias de persuasão indiretas, visto que a autonomia da voz ainda se lhes mostrava a algumas décadas de distância.

Em *Dois Irmãos*, podemos observar essa dupla moral investida na mulher, como, por exemplo, a convivência da tradição e do progresso (termo empregado por Costa, 1999) na esfera das relações sociais e comportamentais, em Zana e Rânia. Este jogo entre opostos é recurso importante pra as obras pós-modernistas, que entende, aponta e as confronta, mas “[...] se recusa a recuperar ou desintegrar qualquer um dos lados da dicotomia, e mesmo assim está mais do que disposta a explorar os dois.” (HUTCHEON, 1991, p.142) conforme presenciemos na narrativa.

Zana, na perspectiva acima apontada, é mantenedora de alguns dos valores patriarcais da gestão do lar, que é onde ela exerce a soberania materna, a rainha do lar – termo que ascende especialmente com o advento da família moderna, alinhada à industrialização. Essa ascensão da importância de Zana na casa, sua capacidade de influenciar os membros da família e arquitetar seus planos para manter Omar sempre a seu lado, torna-se (subvertendo o conceito de avanço pela emancipação da mulher) o meio pelo qual ela perpetua os valores patriarcais, oprimindo e invalidando os filhos e empregados, demonstrando preferência pelos filhos de sexo masculino. Esta ação feminina de endosso a valores do universo do homem é expressa nos comentários abaixo de Rocha-Coutinho:

o controle, a perfeição exigida do lar e das crianças, a insistência de que a mãe tem sempre razão, é a versão feminina do machismo, ou seja, seu equivalente da força do poder masculino que a mulher usou para contrabalançar ou mascarar sua vulnerabilidade, sua dependência econômica, sua subestimação pela sociedade e por si mesma (1994, p. 63).

Na obra, Zana exerce o mando sobre todos na casa. Isto se detecta na diferença de tratamento entre os filhos Omar, Yaqub e Rânia, escancarando-se especialmente no que tange ao casamento. O matrimônio deveria ser o destino glorioso da mulher na sociedade patriarcal, de preferência na juventude, como é assinalado por Freyre (2013). Este ainda observa que a solteirona era um incômodo para os pais, uma vergonha aos olhos da sociedade. Noutras palavras, não contrair núpcias configurava a derrota feminina, digna de pena coletiva. Contudo, o mesmo olhar judicativo não se aplicava aos homens, haja vista que gozavam de todas as liberdades e possibilidades de inserção social, havendo possibilidade de casarem praticamente em qualquer idade. Assim, Zana deseja que a filha se case, mas não almeja o mesmo destino para os filhos: “‘E para que serve uma noiva, querida? Ele [Omar] é tão feliz assim’, acrescentou Zana. ‘Minha filha é quem precisa de um noivo. Tu também Zahia... Quantos aninhos vais fazer?’” (HATOUM, 2000, p.136).

Apesar do desejo de Zana, Rânia não se casa e assume o comércio do pai, Halim, inserindo-se no mercado de trabalho, aliando-se ao progresso econômico que se deu na sociedade brasileira a partir da segunda metade do século XX. Rânia também é quem mantém a família financeiramente na velhice dos pais. Juntamente com Yaqub, ela renova a loja do pai, evitando a falência: “Rânia dirigiu

a reforma da loja [...] em menos de seis meses a loja deu uma guinada, antecipando a euforia econômica que não ia tardar” (HATOUM, 2000, p.131).

Patenteia-se que a mulher atrelada ao mundo trabalhista, especialmente a partir dos anos 1950 no Brasil, alinhava-se à industrialização e modernização do país. Mesmo assim, o trabalho feminino ainda era visto como subsidiário ao masculino, o chefe de casa. Nesse sentido, na narrativa percebe-se que, apesar de Rânia ser excelente vendedora, pouco crédito lhe é atribuído: “Fez um acordo com esses regatões, que no início a desprezaram; depois, acreditavam ou fingiam acreditar que Halim se escondia por trás da negociante astuta” (HATOUM, 2000, p.95).

A modernização dessa personagem exemplifica o que a historiadora Mary Del Priore (2013) teoriza, isto é, um Brasil em processo de industrialização, que modificou as relações superficialmente, mas que não se desvinculou de ideologias machistas e sexistas herdadas do sistema patriarcal. Por conseguinte, por mais que a mulher trabalhasse, seu destino final deveria ser o casamento. O lar e os filhos seguiram constituindo o imaginário feminino, a promessa de felicidade, o objetivo de vida, e foi amplamente divulgado por filmes hollywoodianos, revistas, novelas, programas midiáticos.

Essa semiliberdade feminina constitui uma das faces a dupla moral da sociedade, não apenas brasileira, em que a mulher até poderia acompanhar o desenvolvimento industrial e participar ativamente desse processo, desde que não fosse um projeto permanente e ela retornasse ao lar, a fim de exercer, por meio da afirmação cultural do matrimônio, o papel de mãe, rainha do lar, figura fetichizada, vestida de sua mais preciosa posição social. Endossava-se, dessa forma, a ideia de que o instinto materno era intrínseco à mulher: “a família recentra agora em torno da mulher-mãe. Ela passa a ser a principal responsável pelo bem-estar da criança e do esposo [...] cada vez mais ausente em seu trabalho fora de casa” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 29).

Zana representa esse flerte com a modernização das relações que deu a mulher algum espaço de fala, mesmo que ainda nesse estreito círculo, e ainda vincula-se às tradições patriarcais na decisão de tornar-se a mulher do lar, a matrona com seus mandos e desmandos, além de sua gestão familiar também ser pautada no machismo especialmente direcionado aos filhos: “Rânia significava muito mais do que eu [Nael, filho da empregada e narrador], porém menos que os gêmeos [Yaqub e Omar]” (HATOUM, 2000, p.29). Nesse excerto a perpetuação de valores patriarcais acerca da importância do filho é evidenciada e confirma-se durante a narrativa, uma vez que a grande preocupação de Zana com a filha é que ela se case com um homem de extração burguesa para garantir a ela uma casa com filhos, preservando, assim, a classe social a que pertenciam:

[Rânia] não respondia as cartas de galanteio enviadas por médicos e advogados [...] às escondidas a mãe convidava algum pretendente para o jantar de seu aniversário [...] ‘Vais ficar uma solteirona, filha. É triste ver uma moça envelhecer assim’” (HATOUM, 2000, p.95-96).

O declínio da importância do patriarca na família moderna

Halim tem sua função paterna bem delimitada aos moldes patriarcais, alinhando-se também ao pai da família moderna, que se distancia do lar para empreender o sustento do lar conforme os moldes industriais, contudo esta figura masculina é um tanto quanto falida, desprovida da autoridade que tivera outrora. Ele torna-se coadjuvante em sua casa, uma figura secundária, passa a ser odiado e até mesmo anulado, representando posturas passivas. Esta decadência acontece, pois, na sociedade moderna, o “pai perde a soberania de Deus [...] para se tornar o patriarca do empreendimento industrial” (ROUDINESCO, 2003, p. 21), afastando-se do lar, que passa a ser gestado quase

exclusivamente pela mulher. Até mesmo a relação de Halim com os filhos é enfraquecida, isto é, como aponta Elisabeth Roudinesco, “o poder paterno viu-se, com isso, amesquinhado” (2003, p. 17). Na narrativa, Halim, como pai e esposo, tem sua importância dissolvida pela presença imperativa de Zana na esfera do lar, mas também por seus filhos, pois Yaqub destaca-se pela independência precoce, Omar pela rebeldia e Rânia por tomar o lugar do próprio pai no comércio, fazendo a loja prosperar como Halim nunca havia conseguido.

Halim preparava uma reação, uma punição exemplar, mas a audácia do Caçula [Omar] crescia diante do pai (HATOUM, 2000, p. 33).

[Rânia] Fez uma promoção de mercadorias e torrou o encalhe, as coisas velhas, de um outro tempo” (HATOUM, 2000, p. 130).

Zana, mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos. Ele, paciência só, um Jó apaixonado e ardente, aceitava, engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela (HATOUM, 2000, p.54).

A autoridade paternal é substituída pela mulher, e apesar da troca de papéis na gestão do lar, as heranças patriarcais permanecem com Zana e sua administração. Nessa linha de raciocínio, o foco maior é concedido à maternidade, e a personagem assume posturas ardilosas e indiretas para atingir seus objetivos como destaca Rocha-Coutinho (1994) que as mulheres tinham meios informais para exercer controle sobre os homens, que iam desde o manuseio de informações, até recusa de alimentação e sexo. Percebemos, dessa forma, a influência ordenada e planejada de Zana para atingir seus objetivos. Para ela a aspiração de um casamento bem-sucedido relacionava-se diretamente com ter filhos. Por sua vez, Halim, não os queria, mas as articulações indiretas de Zana o convence: “não queria filhos..., no entanto, teve de ceder ao silêncio da esposa e ao tom imperativo da frase posterior ao silêncio. Ela sabia insistir, sem estardalhaço” (HATOUM, 2000, p.66).

Del Priore (2013) explana que a mulher era vista, especialmente por esses métodos indiretos de influência como sorrateira, ardilosa nos jogos de manipulação, “[...] afinal, sermões difundiam a ideia de que a mulher podia ser perigosa, mentirosa e falsa como uma serpente” (DEL PRIORE, 2013, p.10). Evidenciando o que Roudinesco (2003) aponta como premissa social que, após a ascensão feminina e a ampliação de sua importância na família, a gestão do lar adquire tendências muito hormonais, frágeis e imprecisas. Logo, a família administrada pela mulher iria absorver tais características, e com isso estaria destinada à ruína, atribuindo a culpa à gestão feminina.

Em *Dois Irmãos*, Zana é apresentada como a personagem de maior influência sobre todos os demais, e a família desmantelada que nos é revelada ao longo da narrativa é fruto da obsessão a materna, aliada à necessidade irrefreável de controle de todos ao seu redor, especialmente de Omar: “E ela permitia por alguma razão incompreensível [a ida de Yaqub ao Líbano], por alguma coisa que parecia insensatez ou paixão, devoção cega e irrefreável, ou tudo isso junto, e que ela não quis ou nunca soube nomear” (HATOUM, 2000, p.16).

CONCLUSÃO

O constante enlace dicotômico entre o presente e o passado nas relações sociais do romance *Dois Irmãos* evidencia a dupla moral, o jogo entre tradição e progresso que esboça o retrato brasileiro no século XX, que avançava em direção à industrialização capitalista, e a modernização das cidades. Nesse processo estavam incluídas pautas sociais, como o feminismo, que alavancava a participação da mulher (ainda nesse momento não podemos chamar de emancipação) na gestão do lar, como observado em Zana, e também a possibilidade de trabalhar, como verifica-se em Rânia. Ao mesmo

tempo, também há o revestimento dos valores patriarcais no sentido de atender o novo contexto a que o país se alinhava, ainda utilizando dessa herança para determinar papéis, atribuir valores diferenciados aos filhos, colocando a mulher em frequente desvantagem frente, deslegitimando-a quando os preceitos impostos pelo casamento não eram cumpridos. Essa relação é apresentada pela relação entre Zana e a filha Rânia, que não pretende seguir as tradições patriarcais.

Nesse sentido, Zana é, na obra, a mais importante personagem a sustentar os valores patriarcais em suas relações com os outros, além de sustentar a posição de ‘rainha do lar’ (ROCHA-COUTINHO, 1994), responsável por administrar os subalternos, cumprir o papel da esposa e mãe cuja interação social é majoritariamente fundada no lar. Desenhando a representação da mulher burguesa semi-patriarcal, descrita por Freyre (2013). Ao mesmo tempo, ela tem um grande papel, não apenas como cuidadora mas como influenciadora das decisões tomadas pelos membros da casa.

Por causa dessa ascensão da importância feminina no lar e da família moderna descrita por Roudinesco (2003) o pai perde a soberania no lar, passando a ser composto de posturas enfraquecidas, sendo muitas vezes passivo nas tomadas de decisões. É o que acontece com Halim. Ele torna-se marginalizado tanto na casa, porque Zana impera, e também em seu comércio, onde Zana quase o expulsa para trazer ao local a modernização, renovar mercadorias, aliar-se ao progresso prometido, deixando Halim em segundo plano.

Com isso, evidencia-se que *Dois Irmãos* apresenta em sua temática pautas relevantes a serem levadas à luz, uma vez que nosso país, ao passar por vários séculos de escravidão aliado ao regime patriarcal, ainda carrega em sua cultura traços dessa ferida social. Assim, Hatoum, ao apontar as novas roupagens dadas para esse sistema patriarcalista, desnuda a complexidade da tradição e a dupla moral inserida nas alcovas da família de Zana, mas que representam muito do que ainda precisa ser superado.

REFERÊNCIAS

COSTA, Emília Viotti. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 6. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2013.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.